

# A ESCOLA DE SCHOPENHAUER EM SEUS SENTIDOS LATO E ESTRITO: ENTRE APÓSTOLOS, EVANGELISTAS, METAFÍSICOS, HERÉTICOS, OS PAIS DA IGREJA E AS MULHERES

*THE SCHOPENHAUER'S SCHOOL IN THEIR LATO AND STRICTO SENSU: BETWEEN APOSTLES, EVANGELISTS, METAPHYSICIANS, HERETICS, CHURCH FATHERS AND WOMEN*

FELIPE DURANTE<sup>1</sup>

UNICAMP/ UFES - Brasil  
xfelipedurantex@gmail.com

**RESUMO:** Este artigo tem por objetivo apresentar o trabalho de recuperação e sistematização histórico-crítica da recepção e dos desdobramentos da filosofia schopenhaueriana na história da filosofia. Tal empreitada foi levada a cabo pelo *Centro interdipartimentale di ricerca su Arthur Schopenhauer e la sua scuola dell'Università del Salento*, sediado em Lecce, Itália, através da sistematização do conceito de *Escola de Schopenhauer (Schopenhauer-Schulle)*.

**PALAVRAS-CHAVE:** Arthur Schopenhauer. Escola de Schopenhauer. Recepção crítica.

**ABSTRACT:** *This article aims to show the work of recovery and historical-critical systematization of the reception and impact of Schopenhauer's philosophy in the history of philosophy. This work consisted in the systematization of the Schopenhauer School concept (Schopenhauer-Schulle) and it was carried out by the Centro interdipartimentale di ricerca su Arthur Schopenhauer e la sua scuola dell'Università del Salento, based in Lecce, Italy.*

**KEYWORDS:** *Arthur Schopenhauer. Schopenhauer-School. Critical reception.*

## INTRODUÇÃO

Quando se trata da filosofia schopenhaueriana – e talvez do estudo de filosofia em geral – é muito comum encontrar análises cuja abordagem é feita de forma simplória e, por outro lado, análises muito competentes e densas. A primeira peca, em geral, por não se aprofundar e focar apenas no que é mais recorrente da filosofia do autor, não fugindo do lugar comum já enunciado diversas vezes, e, muitas vezes, acaba por ser injusta em sua exposição ao apenas repetir os jargões consagrados emitidos à obra pelos comentadores. O segundo tipo de análise, quando fixado e imobilizado por uma rigidez metodológica de interpretação, acaba por se tornar um rico exercício de exegese,

---

<sup>1</sup> Doutorando em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), bolsista da FAPESP (Processo nº 2011/23291-5. Vigência 01/04/2012 a 09/04/2017) e professor substituto do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

que delimita o papel da teoria do autor na história da filosofia, mas que não rompe os limites impostos à teoria pela sua própria época, i.e., a análise não cria nem abre possibilidades de problematização diferentes do cânone estabelecido. Ambas, quando procedem de tais formas, acabam deixando de lado aspectos ricos, importantes, e potentes das teorias que analisam. No que tange à ética schopenhaueriana, temáticas como as doutrinas do direito e da política são consideradas assuntos ainda menores<sup>2</sup>, muitas vezes pelos próprios estudiosos que se debruçam sobre a obra do autor. Podemos recorrer, para fazer uma contraposição a esse fato que parece ser dominante na literatura sobre Schopenhauer, às palavras de abertura da conferência do professor Ludger Lütkehaus por ocasião da inauguração do *Centro interdipartimentale di ricerca su Arthur Schopenhauer e la sua scuola dell'Università del Salento* em 2006 na cidade de Lecce, Itália: “[...] Schopenhauer não pode ser descrito, politicamente e socialmente, de maneira unívoca, como muitas vezes uma historiografia caluniosa nos tenta fazer acreditar”<sup>3</sup>. As palavras do professor Lütkehaus são importantes porque apontam para um horizonte amplo de possibilidades hermenêuticas em disputa, fato verificado pelas leituras e interpretações contrastantes de diversos intelectuais e historiadores da filosofia. Esse artigo será dedicado ao mapeamento de algumas interpretações caras ao nosso estudo, as quais demonstram a riqueza da filosofia schopenhaueriana, e os seus vários desdobramentos na história da filosofia.

#### A CONTRIBUIÇÃO DOS ESTUDOS ITALIANOS

Uma das grandes contribuições do *Centro interdipartimentale di ricerca su Arthur Schopenhauer e la sua scuola dell'Università del Salento* foi o resgate e a consolidação do rompimento com uma certa tradição até então estabelecida – a qual isolava Schopenhauer da atmosfera e panorama culturais de seu tempo –, sistematizando, difundindo e publicizando o legado filosófico do autor e suas influências em outros filósofos, o que foi possível mediante a análise histórico-crítico-filológica da disputa em torno do conceito que conhecemos por *Escola de Schopenhauer (Schopenhauer-Schule)*<sup>4</sup>.

<sup>2</sup> Podemos citar como exemplo o livro de Zoccoli que analisa “as duas obras menores de Arthur Schopenhauer”. Segundo o autor os aspectos menores da teoria schopenhaueriana seriam: (i) sobre a liberdade da vontade humana (*Über die Freiheit des menschlichen Willens*) e (ii) sobre o fundamento da moral (*Über das Fundament der Moral*). Dentro desses aspectos menores, enquadra-se a doutrina do direito, a qual recebe alguma atenção na análise. Cf. ZOCOLI, 1898.

<sup>3</sup> LÜTKEHAUS, 2007, p. 16. O artigo doravante será abreviado por *Esiste una sinistra schopenhaueriana? Ovvero: il pessimismo è un quietismo?*, seguido de indicação de página. No texto italiano lê-se: “A vederci meglio, tuttavia, lo stesso Schopenhauer non si descrive, politicamente e socialmente, in maniera univoca, come invece vuol da sempre farci credere una maldicenza storiografica”.

<sup>4</sup> Um primeiro texto no qual o professor Domenico Fazio apresenta uma introdução e sistematização do desenvolvimento histórico e das disputas em torno do termo *escola de Schopenhauer* – em seus sentidos lato e estrito – foi publicado por ocasião da fundação do *Centro interdipartimentale di ricerca su Arthur Schopenhauer e la sua scuola dell'Università del Salento* no primeiro livro da coleção *Schopenhaueriana*, publicação do centro italiano que

O próprio Schopenhauer considerava ter uma escola de seguidores, separando e classificando-os: os discípulos (*Jünger*) e apóstolos (*Apostel*) não escreviam sobre ele, enquanto os *evangelistas* (*Evangelisten*) eram aqueles que escreviam sobre a sua filosofia – “quem por ele [Schopenhauer] pega a pluma para escrever era [considerado] um evangelista” (*Wer für ihn die Feder ergriff, war ein Evangelist*), conforme relato de Robert von Hornstein<sup>5</sup>. Os apóstolos e evangelistas possuíam relação direta e pessoal com Schopenhauer, e eram aqueles considerados por ele, de fato, como a sua escola<sup>6</sup>.

Essa denominação foi difundida, como recorda Domenico Fazio<sup>7</sup>, por Kuno Fischer no nono tomo de sua obra *História da Filosofia Moderna* (*Geschichte der neuern Philosophie*)<sup>8</sup>, e é reconhecida pelo professor salentino como a escola de Schopenhauer em sentido estrito, em contraposição ao que fora anteriormente definido por Eduard von Hartmann<sup>9</sup> em seu artigo *Die Schopenhauer'sche Schule* (A Escola de Schopenhauer)<sup>10</sup> e largamente aceito na historiografia filosófica como o sentido lato do conceito. Lê-se no texto de Hartmann: “Pode-se com direito falar de uma escola schopenhaueriana no sentido mais largo do termo, se se compreende todas as tentativas, a partir dele, de uma transformação de sua filosofia<sup>11</sup>.”

Dois anos antes da intervenção de Hartmann no debate sobre a definição do conceito de *escola de Schopenhauer*, em 1881, uma aluna sua, Olga Plümacher, escrevera uma monografia em polêmica com o neokantiano Hans Vaihinger, a primeira monografia sobre a temática que “não só indicava as linhas metodológicas para a identificação da escola de Schopenhauer *latu sensu*, mas esboçava um primeiro e provisório elenco dos seus principais expoentes<sup>12</sup>. É de

---

promove estudos relativos ao autor. Cf. FAZIO, 2007, p.35-76. Posteriormente, no ano de 2009, o segundo livro da coleção *Schopenhaueriana* é lançado, trazendo além de uma contextualização mais pormenorizada e aprofundada do conceito de *Escola de Schopenhauer*, uma antologia de textos dos – por assim dizer – membros dessa escola, traduzidos do alemão para o italiano. Dentre esses discípulos – denominados evangelistas, metafísicos, heréticos e pais fundadores – podem-se encontrar traduções de textos de Friederich Dorguth, Julius Frauenstädt, Ernst Otto Lindner, August Gabriel Kilzer, David Asher, Carl Georg Bähr, Wilhelm Gwinner, Julius Bahnsen, Eduard von Hartmann, Philipp Mainländer, Friedrich Nietzsche, Paul Rée, Georg Simmel, Max Horkheimer, Paul Deussen, Hans Zint, Arthur Hübscher, e Rudolf Malter. O livro oferece, assim, um cuidadoso, importante, e denso material de estudo, reunido em torno da relação desses autores com a filosofia de Schopenhauer. Cf. FAZIO; KOBLER; LÜTKEHAUS, 2009. Em 2014 uma versão condensada e reduzida desse texto foi redigida pelo professor Fazio em português e publicado pelo grupo APOENA: FAZIO, 2014, p. 11-36.

<sup>5</sup> SCHOPENHAUER, 1971, p. 219.

<sup>6</sup> Cf. FAZIO, 2007b, p. 35.

<sup>7</sup> FAZIO, 2009, p. 16; e FAZIO, 2014, p. 11.

<sup>8</sup> Cf. FISCHER, 1934, p. 103-113.

<sup>9</sup> Sobre Hartmann consultar o cuidadoso estudo de Martia Vitale: VITALE, 2014.

<sup>10</sup> VON HARTMANN, 1885, p. 38-57; VON HARTMANN, 2009.

<sup>11</sup> *Ibidem*, p.380. Nossa tradução foi feita a partir da tradução italiana: “Ma si può a buon diritto parlare di una scuola di Schopenhauer nel senso piú largo del termine, se vi si comprendono tutti i tentativi, partiti da lui, di una trasformazione della sua filosofia”.

<sup>12</sup> *La “scuola” di Schopenhauer. Per la storia di un concetto*, p.56. A passagem citada em italiano: “Olga Plümacher, in questo modo, in quella che è la prima monografia sul tema della nostra indagine, non solo indicava le linee metodologiche per l’identificazione della scuola di

autoria também de uma mulher, Esther Mon-Hua-Liang, a primeira tese de doutoramento, em 1932, sobre a *Escola de Schopenhauer*, intitulada *Die Ethik der Schule Schopenhauers*<sup>13</sup>.

Em linhas gerais<sup>14</sup>, tem-se, assim, a apresentação da grande divisão operada no conceito de escola de Schopenhauer: (i) o seu sentido estrito, englobando aqueles que mantinham relação pessoal e eram considerados a sua escola pelo próprio filósofo, e (ii) o seu sentido lato, objeto de disputa teórica, da qual tomamos a definição dada provisoriamente por Fazio como guia: “São schopenhauerianos em sentido lato todos os pensadores que se dizem schopenhauerianos ou que foram considerados schopenhauerianos”<sup>15</sup>.

Em seu círculo de amizades e seguidores que não escreviam sobre a sua filosofia, dois juristas se destacavam: Johan August Becker (1803-1881)<sup>16</sup>, considerado pelo filósofo como o seu *apóstolo mais sábio* e Adam Ludwig von Doss (1820-1873)<sup>17</sup>, o *apóstolo João*, chamado assim por ser o mais jovem, e considerado por Schopenhauer o seu *apóstolo mais profundo*. Schopenhauer tentou-os convencer, sem sucesso, a escrever sobre a sua filosofia. De um outro apóstolo, David Asher (1818-1890)<sup>18</sup>, o *apostolozinho*, Schopenhauer esperava as traduções de suas obras para a língua inglesa. Asher era chamado de apóstolo por Schopenhauer mesmo tendo escrito uma série de artigos sobre o filósofo, os quais não o agradaram. Por essa razão, Schopenhauer não concedeu a ele o título de evangelista<sup>19</sup>. Não bastava escrever sobre Schopenhauer: para ser um evangelista parecia ser necessário escrever algo que lhe agradasse.

Ainda no sentido estrito de sua escola, podemos elencar sete evangelistas. Chamado por Schopenhauer de *proto-evangelista*, Friedrich Dorguth (1776-1854)<sup>20</sup> foi o primeiro discípulo a escrever sobre Schopenhauer e foi o responsável pela célebre definição do autor como o Kaspar Hauser da filosofia<sup>21</sup>. O chamado *arcevangalista*, Julius Frauenstädt (1813-1879)<sup>22</sup>, ativo divulgador da filosofia schopenhaueriana, foi o primeiro editor dos manuscritos póstumos (*handschriftlicher Nachlaß*) de Schopenhauer. Por conta disso, envolveu-se em

---

Schopenhauer *latu sensu*, ma stilava anche un primo, provvisorio censimento dei suoi principali esponenti”.

<sup>13</sup> FAZIO, 2007a, p. 69; Cf. MON-HUA LIANG, 1932.

<sup>14</sup> Como já indicado, uma apreciação detida, pormenorizada, e que reconstitui historicamente o desenvolvimento e as disputas em torno do conceito de escola de Schopenhauer podem ser consultadas em FAZIO, 2007a.

<sup>15</sup>FAZIO, 2014, p. 12; e FAZIO, 2009, p. 72. Nesse segundo texto lê-se em italiano: “[...] chi scrive ha proposto di considerare facenti parte della scuola di Schopenhauer in senso lato tutti i pensatori che si sono detti schopenhaueriani o che sono stati detti tali”.

<sup>16</sup> Cf. FAZIO, 2009, p. 21-22; Cf. FAZIO, 2014, p. 18.

<sup>17</sup> Cf. FAZIO, 2009, p. 31-32; Cf. FAZIO, 2014, p. 18.

<sup>18</sup> Cf. FAZIO, 2009, p. 46-50; Cf. FAZIO, 2014, p. 16.

<sup>19</sup> Cf. *Ibidem*, p. 16.

<sup>20</sup> Cf. FAZIO, 2009, p. 17-21; Cf. FAZIO, 2014, p. 12-13.

<sup>21</sup> Cf. *Ibidem*, p.13 e DORGUTH, 1849, p. 3.

<sup>22</sup> Cf. FAZIO, 2009, p. 22-31; Cf. FAZIO, 2014, p. 13-14.

uma polêmica<sup>23</sup> acerca de um manuscrito inédito do filósofo, o *Eis eauton*, com um outro evangelista, Wilhelm Gwinner (1825-1917)<sup>24</sup>, advogado e testamentário de Schopenhauer, o qual Frauenstädt acusou de plágio e da destruição de tal manuscrito. Fazio, por conta de tal litígio, sugere que Gwinner seja chamado de *evangelista apócrifo*.

Ernst Otto Lindner (1820-1867)<sup>25</sup>, ao ter a sua *venia legendi* – a permissão para lecionar na Universidade – suspensa por conta de suas escassas convicções cristãs-religiosas, acabou por tornar-se jornalista. Foi tão ativo na difusão da filosofia schopenhaueriana que acabou por receber o apelido de *doctor indefatigabilis* (doutor incansável). Lindner destaca-se por pacientemente ter seguido as pistas, localizado e transcrito de próprio punho o artigo em inglês *Iconoclasm in German Philosophy* de John Oxenford<sup>26</sup>, o qual fez a esposa traduzir, publicando-o com diversos acréscimos sob o título de *Deutsche Philosophie im Auslande (A filosofia alemã no exterior)*<sup>27</sup>. Tratava-se do primeiro escrito sobre Schopenhauer fora da Alemanha. O responsável pela descoberta desse artigo foi o advogado Martin Emden (morto em 1858). Sobre ele são escassas as informações, sendo ele denominado por Fazio o *sétimo apóstolo*<sup>28</sup>. Depois da publicação desse artigo, o número de discípulos de Schopenhauer aumentou.

O *aprendiz evangelista*, August Gabriel Kilzer (1798-1864)<sup>29</sup>, ganhou esse apelido de Schopenhauer por ter escrito apenas duas breves resenhas sobre a obra de seu mestre, não se tornando, assim, um evangelista pleno. Por outro lado, Carl Georg Bähr (1833-1893)<sup>30</sup> escreveu a primeira monografia crítica e científica sobre Schopenhauer, recebendo grandes elogios do filósofo, e, mesmo assim, não recebeu o título de evangelista por parte de Schopenhauer.

Ocorre ainda mencionar o desejo de Schopenhauer em ter outros dois seguidores: Christian Weigelt (1816-1885)<sup>31</sup>, um humilde pregador católico que havia escrito uma história da filosofia na qual interpretava a doutrina da negação da vontade em uma chave cristã, e no qual Schopenhauer vislumbrava a possibilidade de ganhar um novo evangelista. Já G.W. Körber (1817-1885)<sup>32</sup>, em 1857, ministrou um dos primeiros cursos universitários sobre a filosofia de Schopenhauer.

<sup>23</sup> Sobre essa polêmica Cf. FAZIO, 2009, p. 37-41 e p. 43-46; Cf. também o ensaio de Franco Volpi na introdução ao livro SCHOPENHAUER, 2009.

<sup>24</sup> Cf. FAZIO, 2009, p.43-46; Cf. FAZIO, 2014, p. 17-18.

<sup>25</sup> Cf. FAZIO, 2009, p. 32-41; Cf. FAZIO, 2014, p. 14-15.

<sup>26</sup> Cf. OXFENFORD, 1853, p. 388-407.

<sup>27</sup> LINDNER, 1853. Este artigo foi traduzido para o italiano a partir da análise cotejada entre o original em inglês e a tradução alemão. Dessa forma, na tradução italiana, as adições de Lindner, tais como as alterações nos textos, foram grafadas. Cf. LINDNER, 2009.

<sup>28</sup> Cf. FAZIO, 2009, p.42.

<sup>29</sup> Cf. Ibidem, p.42; Cf. FAZIO, 2014, p.16.

<sup>30</sup> Cf. FAZIO, 2009, pp.50-65; Cf. FAZIO, 2014, p.17.

<sup>31</sup> Cf. FAZIO, 2009, p.65.

<sup>32</sup> Cf. Ibidem.

Assim, no que se refere à escola de Schopenhauer em senso estrito, podemos elencar esses dez seguidores e o desejo do filósofo em agregar mais outros dois. Tal era, exposta de modo sucinto e resumido, a escola de Schopenhauer em sentido estrito. Mas sobre o sentido lato, o que poderia ser dito? Tomemos duas outras definições, além da definição provisória supracitada, como pontos de apoio para nossa exposição. A primeira delas é de Olga Plümacher:

Nós interpretamos o conceito de escola em um sentido mais lato e consideramos schopenhauerianos não só os que na doutrina dele encontraram paz e trégua para o espírito, mas também ainda com mais razão os que se afastam dele: e os schopenhauerianos são mais interessantes à medida que menos certa é a consideração deles como schopenhaueriano<sup>33</sup>.

A segunda, de autoria de Fazio:

Da existência, junto à escola de Schopenhauer em sentido estrito, de uma escola de Schopenhauer tomada em sentido lato, ou seja, de um grupo de pensadores que, mesmo não tendo sido discípulos diretos do sábio de Frankfurt, eram de vários modos inspirados pelo seu pensamento e o desenvolveram seguindo direções autônomas e muitas vezes originais, discutiu-se longamente ao final do século XIX<sup>34</sup>.

Essas definições abrem as possibilidades para sistematização do legado schopenhaueriano na história da filosofia de uma forma mais ampla. O centro italiano propõe uma interessante hipótese de interpretação e organização dos autores identificados como membros da escola de Schopenhauer em sentido lato.

Aqueles que tomam a metafísica da vontade, desenvolvendo-a e alterando-a, seriam denominados *metafísicos*<sup>35</sup>, figurando entre eles a real-dialética de Julius Bahnsen (1830-1881), a filosofia do inconsciente de Eduard von Hartmann (1842-1906) – citado anteriormente –, e a filosofia da redenção de Philipp Mainländer (1841-1876)<sup>36</sup>.

Considerado por Fazio como *os padres da igreja*<sup>37</sup>, tomando a definição de Hans Zint – responsável, também, pela concepção de toda a sociedade

<sup>33</sup> PLÜMACHER, 1881, p. 2 *apud* FAZIO, 2014, p.19.

<sup>34</sup> FAZIO, 2009, p. 66. No texto em italiano lê-se: “Dell’esistenza, accanto alla scuola di Schopenhauer in senso stretto, di una scuola di Schopenhauer intesa in senso lato, ossia di un gruppo di pensatori che, pur non essendo stati discepoli diretti del Saggio di Francoforte, si erano a vario titolo ispirati al suo pensiero e lo avevano sviluppato seguendo direzioni autonome e talvolta originali, si è discusso lungamente alla fine dell’Ottocento”.

<sup>35</sup> Cf. FAZIO, 2009, p. 72-132; Cf. FAZIO, 2014, p. 22-27.

<sup>36</sup> Sobre a filosofia de Mainländer Cf. CIRACÌ, 2006.

<sup>37</sup> Cf. FAZIO, 2009, p. 188-211; Cf. FAZIO, 2014, p. 33-36.

Schopenhauer como uma instituição religiosa<sup>38</sup> –, ou os *pais fundadores*, enquadram-se aqui três daqueles que presidiram a *Schopenhauer-Gesellschaft* (Sociedade Schopenhauer): o fundador da Sociedade Schopenhauer, Paul Deussen (1845-1919) foi o seu primeiro presidente (1911–1919); após Deussen, Leo Wurzburg presidiu a sociedade por quatro anos (1920-1924), contribuindo apenas com um curto artigo sobre Schopenhauer no *Schopenhauer-Jahrbuch* de 1922<sup>39</sup>, não sendo enquadrado nessa definição por Fazio. Hans Zint (1882-1945) foi o sucessor de Wurzburg no comando da *Schopenhauer-Gesellschaft* (1924–1936). Judeu, pacifista e socialista, teve importante papel na manutenção da autonomia e na resistência à instrumentalização da instituição<sup>40</sup> durante a ascensão do regime nacional-socialista. Foi obrigado a renunciar à presidência da sociedade.

Após Zint, Arthur Hübscher (1897-1985) assumiu a presidência da sociedade Schopenhauer pelo período de 1937 a 1983 e também é considerado por Fazio um dos padres da igreja. Hübscher foi um pesquisador incansável, responsável pela edição de diversas obras de Schopenhauer, embora ele também tenha sido responsável pelo período no qual a instituição ficou fechada a pesquisadores e professores universitários – no que ele julgava um ato de coerência com a filosofia de Schopenhauer<sup>41</sup>.

Apenas para registro, não mais constando na denominação de *padres da igreja*, em 1984 Wolfgang Schirmacher preside a sociedade Schopenhauer, antes de Rudolf Malter (1937-1994) assumir o cargo. Malter presidiu a sociedade entre 1985 e 1992 e é lembrado pelo esforço na superação da organização da sociedade como uma confraria religiosa, transformando-a em uma instituição moderna, em uma comunidade aberta e dedicada à pesquisa científica<sup>42</sup>. De 1992 a 1999 a instituição foi conduzida por Heinz Gerd Ingenkamp e, no ano 2000, Matthias Koßler assumiu a sua presidência, sendo grande responsável pelo diálogo da matriz alemã com as seções da *Schopenhauer-Gesellschaft* espalhadas pelo mundo, como a seção brasileira, indiana, italiana, japonesa, e norte americana.

Apesar do reconhecimento da misoginia do autor, surpreendentemente é possível falar de uma escola de Schopenhauer em seu sentido lato formada por um grupo de seguidoras suas, i.e., é possível falar das *mulheres da escola de Schopenhauer*<sup>43</sup>. Já citamos o pioneirismo de Olga Plümacher e de Esther Mon-Hua-Laing. É possível citar, ainda, Malwida von Meysenburg, Lou Salomé, Agnes Taubert e a tradutora italiana de Schopenhauer Eva Kühn<sup>44</sup>.

<sup>38</sup> Cf. FAZIO, 2009, p.188.

<sup>39</sup> Cf. Ibidem, p.197 e Cf. WURZMAN, 1922.

<sup>40</sup> Para uma análise pormenorizada das tentativas de instrumentalização e nazificação do pensamento de Schopenhauer Cf. CIRACÌ, 2010.

<sup>41</sup> É bem conhecida a opinião de Schopenhauer sobre a filosofia universitária. Cf. *PP, Ueber die Universitäts-Philosophie*; Cf. SCHOPENHAUER, 2001.

<sup>42</sup> Cf. FAZIO, 2009, p.208.

<sup>43</sup> Cf. FAZIO, 2014b, p.191-209.

<sup>44</sup> Sobre Eva Kühn Cf. PASSABÍ, 2013.

Após uma sucinta reconstrução da história do conceito de *escola de Schopenhauer* e de seu contexto na história da filosofia e sua relação com o filósofo, chegamos ao ponto de classificação mais interessante para o nosso estudo: os denominados schopenhauerianos em sentido herético. Ao contrário da definição do sentido estrito da escola de Schopenhauer que dificilmente será alterada – e as definições de *metafísicos* e *pais da igreja* parecem seguir o mesmo destino –, a lista dos denominados heréticos parece estar destinada a aumentar cada vez mais<sup>45</sup>. A definição dada por Fazio enuncia:

Em conformidade com os critérios metodológicos adotados, os quais consistem no proceder mais por diferença do que por analogia e na consideração como expoentes da escola de Schopenhauer todos aqueles que se dizem schopenhauerianos ou que são chamados assim, é possível individuar um segundo grupo de pensadores que pertencem à escola de Schopenhauer em sentido lato. Eles não aderiram à metafísica da vontade – e por isso não podem ser inseridos entre os “metafísicos” – nem tentaram completar o pensamento de Schopenhauer de modo sistemático, mas desenvolveram sobretudo temas presentes na doutrina ética do sábio de Frankfurt. Isso é, o que caracteriza este desenvolvimento não é a fidelidade à doutrina originária do mestre, mas, ao contrário, a postura crítica e a pesquisa autônoma e original. Por isso, esses pensadores, que não são simples seguidores, podem ser considerados pertencentes à escola de Schopenhauer, mas apenas na condição de serem considerados heréticos<sup>46</sup>.

Os assim denominados heréticos – aqueles que não se mantiveram ortodoxos ou completamente fiéis à doutrina schopenhaueriana – desenvolveram de forma autônoma, até então e em especial, a doutrina ética de Schopenhauer. Entre os autores identificados pelos estudos do *Centro Leccese* como schopenhauerianos heréticos, temos Friedrich Nietzsche (1844-1900)<sup>47</sup>, o qual tem em Schopenhauer o mestre inspirador e educador em sua filosofia de juventude e o mestre a ser confrontado em sua filosofia madura; Paul Rée (1849-1901)<sup>48</sup>, o psicólogo empírico que elabora uma teoria pessimista sem a metafísica da

<sup>45</sup> Cf. FAZIO, 2009, p. 212.

<sup>46</sup> FAZIO, 2009, p. 132. No texto italiano lê-se: “Conformemente ai criteri metodologici adottati, consistenti nel procedere piú per differenze che per analogie e nel considerare come esponenti della scuola di Schopenhauer tutti coloro i quali si sono detti schopenhaueriani o che sono stati detti tali, è possibile individuare un secondo gruppo di pensatori, che appartengono alla scuola di Schopenhauer in senso lato. Essi non hanno aderito alla metafisica della volontà – e perciò non possono essere compresi tra i “metafisici” – né hanno tentato di completare il pensiero di Schopenhauer in modo sistematico, ma hanno sviluppato soprattutto motivi presenti nella dottrina etica del Saggio di Francoforte. Ciò che caratterizza questi sviluppi non è la fedeltà alla dottrina originaria del maestro ma, al contrario, l’atteggiamento critico e la ricerca di autonomia ed originalità. Perciò, questi pensatori, che non sono dei semplici epigoni, possono essere detti appartenenti alla scuola di Schopenhauer, solo a patto che li si consideri degli eretici”.

<sup>47</sup> Cf. FAZIO, 2009, p. 132-148 e p. 443-475; Cf. FAZIO, 2014, p.27-28.

<sup>48</sup> Cf. FAZIO, 2009, p. 148-164 e p. 476-504; Cf. FAZIO, 2014, p.28-30.



vontade<sup>49</sup>; Georg Simmel (1858-1918)<sup>50</sup>, um schopenhaueriano sem o pessimismo<sup>51</sup>; e Max Horkheimer (1895-1973)<sup>52</sup>, responsável por uma interpretação à esquerda no espectro político do pensamento de Arthur Schopenhauer. É dele a célebre frase entre os estudiosos de Schopenhauer: “Os dois filósofos que influenciaram de maneira decisiva o nascimento da Teoria Crítica foram Schopenhauer e Marx”<sup>53</sup>. Essa mesma frase é quase completamente ignorada pelos estudiosos da Teoria Crítica.

É possível notar, assim, pela potência dos nomes elencados e pela importância deles na história da filosofia, como interpretações e desenvolvimentos heréticos da filosofia schopenhaueriana podem ser frutíferos e produtivos, apontando para novos horizontes e desdobramentos no enfrentamento dos mais variados problemas postos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da sistematização empreendida pelo centro italiano, foi-nos possível apresentar, ainda que de modo introdutório e em linhas gerais, o conceito de *Escola de Schopenhauer (Schopenhauer-Schule)* e as bases de uma discussão extremamente atual sobre a recepção crítica, o desenvolvimento, e os desdobramentos da filosofia schopenhaueriana na história da filosofia. Assim, esperamos ter fornecido um mapeamento – ainda que panorâmico – da pesquisa mais atual sobre Schopenhauer na Itália em língua portuguesa.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARIDDI, W. *Studi Schopenhaueriani: Schopenhauer e la cultura romantica con un saggio su Novalis*. Lecce: Edizioni Milella, 1963.

CIRACÌ, F. *Verso l'assoluto nulla: La filosofia della redenzione di Philipp Mainländer*. Lecce: Pensa Multimedia, 2006.

\_\_\_\_\_. In Lotta per Schopenhauer: La "Schopenhauer-Gesellschaft" fra ricerca filosofica e manipolazione ideologica 1911-1948. In: *Schopenhaueriana - Collana del Centro interdipartimentale di ricerca su Arthur Schopenhauer e la sua scuola dell'Università del Salento* diretta da Domenico M. Fazio, Matthias Koßler e Ludger Lütkehaus, Vol. 6. Lecce: Pensa Multimedia, 2010.

CIRACÌ, F.; FAZIO, D. (Orgs.). *Schopenhauer in Italia: Atti del I Convegno Nazionale della Sezione Italiana della Schopenhauer-Gesellschaft San Pietro Vernotico - Lecce 20 e 21 giugno 2013*. A cura di Fabio Ciracì e Domenico M. Fazio. In: *Schopenhaueriana - Collana del Centro interdipartimentale di ricerca su*

<sup>49</sup> Cf. RÉE, 2010.

<sup>50</sup> Cf. FAZIO, 2009, p.164-176 e p.505-525; Cf. FAZIO, 2014, p. 30-31.

<sup>51</sup> Cf. RUGGIERI, 2010.

<sup>52</sup> Cf. FAZIO, 2009, p.176-188 e p. 526-548; Cf. FAZIO, 2014, p.31-33.

<sup>53</sup> HORKHEIMER, 1985, p. 336. No original em alemão: „Die Beiden Philosophen, welche die Anfänge der Kritischen Theorie entscheidend beeinflusst haben, waren Schopenhauer und Marx“.

Arthur Schopenhauer e la sua scuola dell'Università del Salento diretta da Domenico M. Fazio, Matthias Koßler e Ludger Lütkehaus, Vol. 7. Lecce: Pensa Multimedia, 2013.

DORGUTH, F. *Grundkritik der Dialektik und des Identitätssystems, mit einem Anhang von Korollarien, Erläuterungen und Kritiken, insbesondere mit Rückblick auf Bern*. Magdeburg: Cottas Briefe über Alexander von Humboldt's Kosmos, 1849. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=sLsAAAAAcAAJ&hl=pt-BR&pg=PA5#v=onepage&q&f=false>>. Acesso em: 04 jan. 2015.

EBELING, H.; LÜTKEHAUS, L. *Schopenhauer und Marx: Philosophie des Elends - Elend der Philosophie?*. Herausgegeben und eingeleitet von Hans Ebeling und Ludger Lütkehaus. Königstein/Ts.: Hain, 1980.

FAZIO, D. *Paul Rée – Un Profilo Filosofico*. Bari: Palomar di Alternatives, 2003.

\_\_\_\_\_. La “scuola” di Schopenhauer. Per la storia di un concetto. In: FAZIO, D.; KOßLER, M.; LÜTKEHAUS, L. (Orgs.). Arthur Schopenhauer e la sua scuola: Per l'inaugurazione del Centro interdipartimentale di ricerca su Arthur Schopenhauer e la sua scuola dell'Università del Salento. A cura di Fabio Ciraci, Domenico M. Fazio, Francesca Pedrocchi. In: *Schopenhaueriana* - Collana del Centro interdipartimentale di ricerca su Arthur Schopenhauer e la sua scuola dell'Università del Salento diretta da Domenico M. Fazio, Matthias Koßler e Ludger Lütkehaus, Vol. 1. Lecce: Pensa Multimedia, 2007a. p. 35 -76.

\_\_\_\_\_.; KOßLER, M.; LÜTKEHAUS, L. (Orgs.). Arthur Schopenhauer e la sua scuola: Per l'inaugurazione del Centro interdipartimentale di ricerca su Arthur Schopenhauer e la sua scuola dell'Università del Salento. A cura di Fabio Ciraci, Domenico M. Fazio, Francesca Pedrocchi. In: *Schopenhaueriana* - Collana del Centro interdipartimentale di ricerca su Arthur Schopenhauer e la sua scuola dell'Università del Salento diretta da Domenico M. Fazio, Matthias Koßler e Ludger Lütkehaus, Vol. 1. Lecce: Pensa Multimedia, 2007b.

\_\_\_\_\_. A Escola de Schopenhauer. In: CARVALHO, R.; COSTA, G.; MOTA, T. (Orgs.). *Nietzsche – Schopenhauer: Metafísica e Significação Moral do Mundo*, volume II. Fortaleza: EdUECE, 2014a. p.11-36.

\_\_\_\_\_. Richard Wagner e as mulheres da escola de Schopenhauer. In: GARCIA, A.; ANGIONI, L. (Orgs.) *Labirintos da alma: Festschrift aos 60 anos de Oswaldo Giacoia Jr.* Organização André Luiz Muniz Garcia e Lucas Angioni. Campinas: Editora Phi, 2014b. p.191-209.

\_\_\_\_\_. (Orgs.). La Scuola di Schopenhauer: Testi e contesti. A cura del Centro interdipartimentale di ricerca su Arthur Schopenhauer e la sua scuola. In: *Schopenhaueriana* - Collana del Centro interdipartimentale di ricerca su Arthur Schopenhauer e la sua scuola dell'Università del Salento diretta da Domenico M. Fazio, Matthias Koßler e Ludger Lütkehaus, Vol. 2. Lecce: Pensa Multimedia, 2009.

\_\_\_\_\_. (Orgs.). La Passione Della Conoscenza: Studi in Onore di Sossio Giametta. A cura del Centro interdipartimentale di ricerca su Arthur

Schopenhauer e la sua scuola. In: *Schopenhaueriana* - Collana del Centro interdipartimentale di ricerca su Arthur Schopenhauer e la sua scuola dell'Università del Salento diretta da Domenico M. Fazio, Matthias Koßler e Ludger Lütkehaus, Vol. 5. Lecce: Pensa Multimedia, 2010.

FISCHER, K. Schopenhauers Leben, Werke und Lehre [1893], in: *Geschichte der neuen Philosophie*, 9 Bde., Heidelberg: Gedächtnis-Ausgabe 1934, Bd. IX, pp. 103-113.

Disponível

em:

<https://archive.org/stream/schopenhauersle01fiscgoog#page/n6/mode/2up>.

Acesso em 07/02/2017.

HORKHEIMER, M. Schopenhauer und die Gesellschaft. In: *Jahrbuch der Schopenhauer-Gesellschaft für das Jahr 1955, Band 36*. Frankfurt am Main: Waldemar Kramer, 1955. p.49-57.

\_\_\_\_\_. Die Aktualität Schopenhauers. In: *Jahrbuch der Schopenhauer-Gesellschaft für das Jahr 1961, Band 42*. Frankfurt am Main: Waldemar Kramer, 1961. p.12-25.

\_\_\_\_\_. Religion und Philosophie. In: *Jahrbuch der Schopenhauer-Gesellschaft für das Jahr 1967, Band 48*. Frankfurt am Main: Waldemar Kramer, 1967. p. 3-9.

\_\_\_\_\_. Pessimismus heute. In: *Jahrbuch der Schopenhauer-Gesellschaft für das Jahr 1971, Band 52*. Frankfurt am Main: Waldemar Kramer, 1971. p.1-7.

\_\_\_\_\_. Bemerkungen zu Schopenhauers Denken im Verhältnis zu Wissenschaft und Religion. In: *Jahrbuch der Schopenhauer-Gesellschaft für das Jahr 1971, Band 53*. Frankfurt am Main: Waldemar Kramer, 1972. p. 71-79.

\_\_\_\_\_. *Kritische Theorie gestern und heute*, In: Gesammelte Schriften, vol. 8, Org. A. Schmidt. Frankfurt: Fischer Taschenbuch Verlag, 1985

\_\_\_\_\_. *O Pensamento de Schopenhauer em relação à ciência e à religião*. Tradução e comentários Flamarion Caldeira Ramos. *Cadernos de Filosofia Alemã XIII*, São Paulo, p. 99-128, jul.-dez. 2008.

HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. (Coaut. de). *Sociologia*. Madrid: Taurus, 1971.

INVERNIZZI, G. *Il pessimismo tedesco dell'Ottocento: Schopenhauer, Hartmann, Bahnsen e Mainländer e i loro avversari*. Firenze: La Nuova Italia, 1994.

LINDNER, E. Deutsche Philosophie im Auslande. in: *Königlich Privilegierte Berlinische Zeitung von Staats- und Gelehrten Sachen*, 1853.

\_\_\_\_\_. La filosofia tedesca all'estero. In: *La Scuola di Schopenhauer: Testi e contesti*. A cura del Centro interdipartimentale di ricerca su Arthur Schopenhauer e la sua scuola. In: *Schopenhaueriana* - Collana del Centro interdipartimentale di ricerca su Arthur Schopenhauer e la sua scuola dell'Università del Salento diretta da Domenico M. Fazio, Matthias Koßler e Ludger Lütkehaus, Vol. 2. Lecce: Pensa Multimedia, 2009. p. 263-290.

LUKÁCS, G. Schopenhauer. In: EBELING, H.; LÜTKEHAUS, L. *Schopenhauer und Marx: Philosophie des Elends - Elend der Philosophie?*. Herausgegeben und eingeleitet von Hans Ebeling und Ludger Lütkehaus. Königstein/Ts.: Hain, 1980. p.60-83.

LÜTKEHAUS, L., *Schopenhauer Metaphysischer Pessimismus und soziale Frage*. Bonn: Bouvier, 1980.

\_\_\_\_\_. Esiste una sinistra schopenhaueriana? Ovvero: il pessimismo è un quietismo? In: FAZIO, D.; KOßLER, M.; LÜTKEHAUS, L. (Orgs.). *Arthur Schopenhauer e la sua scuola: Per l'inaugurazione del Centro interdipartimentale di ricerca su Arthur Schopenhauer e la sua scuola dell'Università del Salento*. A cura di Fabio Ciracì, Domenico M. Fazio, Francesca Pedrocchi. Collana del Centro interdipartimentale di ricerca su Arthur Schopenhauer e la sua scuola dell'Università del Salento diretta da Domenico M. Fazio, Matthias Koßler e Ludger Lütkehaus, Vol. 1. Lecce: Pensa Multimedia, 2007. p.15-34.

MON-HUA LIANG, E. *Die Ethik der Schule Schopenhauers. Inaugural-Dissertation zur Erlangung der Doktorwürde genehmigt von der Philosophischen Fakultät der Friedrich-Wilhelms-Universität zu Berlin*, Charlottenburg, 1932.

OXENFORD, J. Iconoclasm in German Philosophy. *Westminster and foreign quarterly Review*, vol. III, n. 2, p. 388-407, jan. 1853. Disponível em: <<http://www.schopenhauer.fr/oeuvres/iconoclasm.html>>. Acesso em: 05 jan. 2015.

PASSABÍ, M. Eva Kühn e “L'ottimismo trascendentale di Schopenhauer”. In: CIRACÌ, F.; FAZIO, D. (Orgs.). *Schopenhauer in Italia: Atti del I Convegno Nazionale della Sezione Italiana della Schopenhauer-Gesellschaft San Pietro Vernotico - Lecce 20 e 21 giugno 2013*. A cura di Fabio Ciracì e Domenico M. Fazio. In: Schopenhaueriana - Collana del Centro interdipartimentale di ricerca su Arthur Schopenhauer e la sua scuola dell'Università del Salento diretta da Domenico M. Fazio, Matthias Koßler e Ludger Lütkehaus, Vol. 7. Lecce: Pensa Multimedia, 2013, pp.131-140.

PLÜMACHER, O. *Zwei Individualisten der Schopenhauer'schen Schule*, Wien 1881.

RÉE, P. *Osservazioni Psicologiche*. A cura di Domenico M. Fazio. In: Schopenhaueriana - Collana del Centro interdipartimentale di ricerca su Arthur Schopenhauer e la sua scuola dell'Università del Salento diretta da Domenico M. Fazio, Matthias Koßler e Ludger Lütkehaus, Vol. 4. Lecce: Pensa Multimedia, 2010.

RUGGIERI, D. *Il Conflitto Della Società Moderna: La ricezione del pensiero di Arthur Schopenhauer nell'opera di Georg Simmel (1887-1918)*. In: Schopenhaueriana - Collana del Centro interdipartimentale di ricerca su Arthur Schopenhauer e la sua scuola dell'Università del Salento diretta da Domenico M. Fazio, Mathias Koßler e Ludger Lütkehaus, Vol. 3. Lecce: Pensa Multimedia, 2010.

SCHOPENHAUER, A. *Arthur Schopenhauers sämtliche Werke*; hrsg. Von Paul Deussen. Munique: R. Piper, 1911-1942

\_\_\_\_\_. Der Briefwechsel. In: *Arthur Schopenhauers sämtliche Werke 14., 15. und 16. Band Ergänzungen um neu Aufgefundenes aus den Jahrbüchern der Schopenhauergesellschaft u. Arthur Schopenhauer Gesammelte Briefe* hrsg. von Paul Deussen. München: R. Piper, 1911-1942.

\_\_\_\_\_. *Arthur Schopenhauer Gespräche*. Neue, stark erweiterte Ausgabe Herausgegeben von Arthur Hübscher. Stuttgart Bad Cannstatt: Friedrich Frommann Verlag, 1971.

\_\_\_\_\_. *Die Reisetagebücher von Arthur Schopenhauer*. Hrsg. von Ludger Lütkehaus. Zürich: Haffmans, 1988.

\_\_\_\_\_. *Sobre a Filosofia Universitária*. Tradução, introdução e notas Maria Lucia Mello Oliveira Cacciola e Márcio Suzuki. São Paulo, Martins Fontes, 2001.

\_\_\_\_\_, A. *A arte de conhecer a si mesmo*. Org. de Franco Volpi; trad. Jair Barboza e Silvana Cabucci Leite. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

VITALE, V. Dalla Volontà di Vivere All'inconscio: Eduard von Hartmann e la trasformazione della filosofia di Schopenhauer. In: *Schopenhaueriana* - Collana del Centro interdipartimentale di ricerca su Arthur Schopenhauer e la sua scuola dell'Università del Salento diretta da Domenico M. Fazio, Matthias Koßler e Ludger Lütkehaus, Vol. 8. Lecce: Pensa Multimedia, 2014.

VON HARTMANN, E. Die Schopenhauer'sche Schule. *Philosophische Fragen der Gegenwart*, Berlin, p. 38-57, 1885.

\_\_\_\_\_. La scuola di Schopenhauer. In: La Scuola di Schopenhauer: Testi e contesti. A cura del Centro interdipartimentale di ricerca su Arthur Schopenhauer e la sua scuola. In: *Schopenhaueriana* - Collana del Centro interdipartimentale di ricerca su Arthur Schopenhauer e la sua scuola dell'Università del Salento diretta da Domenico M. Fazio, Matthias Koßler e Ludger Lütkehaus, Vol. 2. Lecce: Pensa Multimedia, 2009. p. 369-379.

WURZMAN, L. Schopenhauer als Lebensretter. In: *Jahrbuch der Schopenhauer-Gesellschaft für das Jahr 1922, Band 11*. Heidelberg: Carl Winters Universitätsbuchhandlung, 1922. p.108-113.

ZOCCOLI, E. *Di Due Opere Minori di Arturo Schopenhauer*. Modena: Libreria Editrice G.T. Vicenzi e Nipote, 1898.